



Livro-reportagem: formato jornalístico para pautas humanitárias?

Marcos Zibordi¹
FIAM FAAM - Centro Universitário

Resumo:

De forma aproximativa e inicial este artigo sustenta a, por enquanto, hipótese de que graduandos em Jornalismo autores de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em forma de livro-reportagem (LIMA, 1993) tendem a pautar temas humanitários. Considerando TCCs escolhidos recentemente em relevantes certames nacionais e com base também em resultados preliminares aqui apresentados de pesquisa específica sobre livro-reportagem, procuraremos evidenciar a formação de narradores da contemporaneidade afetos a ideias democráticas (MEDINA, 1995, 2003, 2008, 2010, 2014).

Palavras-chave: Livro-reportagem; democracia; Direitos Humanos; jornalismo; narrativa.

1. Sobre aquilo que poderia acalmar João Antônio

Em um texto fundamental da bibliografia em torno de produções como a reportagem e o livro-reportagem, o escritor e jornalista João Antônio deixou registro absolutamente tocante dos seus profundos dilemas profissionais no conto “Abraçado ao meu rancor”, narrativa de teor autobiográfico que compõe a dezena de textos de coletânea homônima (2001).

¹ Doutor em Ciências da Comunicação, professor da graduação e do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM FAAM – Centro Universitário. Membro do grupo de pesquisa Jornalismo, Mercado de Trabalho e Novas Linguagens. Atua também no monitoramento de conteúdos do UOL via Brasil Newscom, empresa de consultoria de mídia eletrônica.

Nascido em 1937 na vizinhança do Jaguaré, zona Oeste da capital paulista, o escritor e jornalista integrou a lendária equipe inicial da revista Realidade (FARO, 1999). Sua produção é de reportagens e contos de temática e dicção marginal, incorporando a oralidade da rale e seus tropeços na vida. Em “Abraçado ao meu rancor”, o narrador confessional é um repórter que recebe pauta sobre turismo em São Paulo, motivo para ele esmiuçar suas frustrações jornalísticas em meio às mudanças urbanas na capital paulista, cidade com a qual não tem mais intimidade, onde não mais se reconhece.

Em campo, o repórter reclama da perda gradual e implacável da liberdade, do compromisso ético, do estilo e, no tocante ao tema central deste artigo, não pode deixar de admitir, quando passa a fazer parte da classe média, um inegável distanciamento seu e de outros jornalistas em relação aos principais problemas da maioria da população, o povo trabalhador lotando ônibus e trens da capital, nordestinos assustados com o frio que desconheciam na terra natal.

Desiludido, o repórter-narrador-autobiográfico chega a picos de ofensa: o jornalismo “sequer é uma profissão de pessoas decentes” (ANTÔNIO, 2001, p. 85). Correndo o risco de sermos algo chocantes logo nos primeiros parágrafos, gostaríamos de citar, para posterior retomada argumentativa, trecho sobre a decadência do profissional da informação quando este ascende. O narrador considera negativamente exemplares os casos de escritores tornados jornalistas, como o próprio João Antônio, apesar de não ocorrer associação explícita com tal coincidência biográfica:

Pior é, no país, o sujeito que, escritor, se mete a também jornalista. Aí, perderá potencial maior – o tempo, a vergonha, o talento e o estilo. Além, claro, de correr outros riscos sérios da dor inútil. Bate-lhe o envelhecimento precoce, a velhice íntima, baixa-lhe impotência, medo, mais as deformações e vícios pequenos da classe média. Vai bufanear o tempo todo para ela – e jamais orbitar fora do alcance dela – e se iludir, artiloso e frenético, pelos bares a dizer, só depois de bebido, que não pertence a ela. Virou até moda, por exemplo, a proclamação de que se é um marginal da classe média. Ou merdeia. A segunda forma, num tempo em que o jogo de palavras e o uso da palavrada passaram a valer como sinal de talento, é mais elegante. Merdeia. Podendo grafar isso, então, é o fino do espírito. Atualizado, renovador e progressista. Compõe bem. Soa a criativo. (ANTÔNIO, 2001, p. 84).

Aproveitando o gancho sobre os usos da língua, o livro-reportagem é campo fértil para equívocos sobre jornalismo e literatura, debate que tende a ser predominante, como se a preocupação primordial, do ponto de vista da produção e da teoria do livro-reportagem, devesse ser sempre alentar demandas em torno de questões jornalístico-

literárias. Neste artigo, porém, adotamos outro viés, humanístico, daí começamos explicitando em João Antônio a crítica ao descompromisso social do jornalista.

Sua postura, contudo, é criticável na medida em que uma voz com tal poder de reverberação como a de João Antônio corrobora, apesar dos necessários apontamentos desabonadores, com a noção insistentemente negativa da profissão de jornalista, como se, entre outros impedimentos, não houvesse espaço, interesse, nem valor monetário e social para abordagens comprometidas com ideais democráticos. A produção de livros-reportagem como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em Jornalismo, contudo, pode estar apontando para a possibilidade contrária.

Se, como descreve João Antônio, a prática profissional vai minando forças e ideais, os graduandos em Jornalismo que optam pelo livro-reportagem parecem conseguir realizar improváveis utopias, como estarem afetos a causas de apelo social e democrático, exercitarem o prazer da escrita em longas narrativas emancipadoras de paradigmas reducionistas (MEDINA, 2008), como também têm a chance de concluir o curso tendo teorizado e produzido formato jornalístico em tese mais aprofundado (LIMA, 1993).

No período crítico do final da graduação, com o futuro profissional batendo na porta (BONIN, 2006), os TCCs geram mais inseguranças do que certezas quanto ao projeto a ser executado. Daí porque esperamos incentivar novas gerações de jornalistas a perceberem caminhos de atuação além, ou, quem sabe, até bem longe das redações da grande imprensa esboroando (DUEZE, WITSCHKE, 2015).

2. Livro-reportagem como ampliação jornalística

A compreensão do livro-reportagem enquanto produto jornalístico capaz de superar restrições da cobertura da imprensa diária está em Páginas Ampliadas, de Edvaldo Pereira Lima (1993), segundo o qual a narrativa jornalística de fôlego pode ampliar limites tanto da atividade jornalística quanto literária, sendo o livro-reportagem capaz de avançar no “aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística” (p. 16).

Segundo Lima, o livro-reportagem deve tanto estender quanto verticalizar a abordagem - no plano da extensão horizontal estão as quantificações (levantamentos numéri-

cos, por exemplo), enquanto no vertical, intensivo, estão as informações de caráter qualitativo:

Na melhor hipótese, o livro-reportagem apresenta-se com aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhamentos enriquecem a narrativa para um grau de informação idealmente superior ao dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo. (LIMA, 1993, p. 37).

Para atender a esses pressupostos o livro-reportagem precisa ampliar os limites dos procedimentos comuns de captação, redação e edição jornalísticas, a começar pela temática, que não deve se restringir aos assuntos previstos pelas editorias historicamente estabelecidas, como política, economia, esporte e cotidiano – e mesmo que o assunto seja enquadrável em alguma delas, os resultados serão diferentes na cobertura em profundidade.

Nesse sentido, se chegarmos a confirmar a tendência a pautas humanitárias com tratamento humanizado nos projetos de graduandos em Jornalismo, poderemos demonstrar com segurança uma divergência de fundo em relação à cobertura noticiosa cotidiana. É o que Edvaldo Pereira Lima prevê teoricamente e a pesquisa, cujos resultados prévios aparecerão no próximo item, pode chegar a demonstrar enquanto prática recorrente nas narrativas jornalísticas dos formandos.

Se a temática do livro-reportagem é, no limite, qualquer uma de interesse humano, a longa narrativa jornalística em livro não se pauta (LIMA, 1993, p. 55), a princípio, por ocorrências reportadas pelas editorias dos noticiosos diários, impressos ou virtuais, mas por eventos históricos de maior duração, exceto quando o fato atualíssimo justifica imediato início de investigação em profundidade, mesmo antes de definidos os contornos finais da trama.

A execução da pauta pressupõe, entre outros requisitos, o ativar dos sentidos e percepções, o “ver” ao invés do mero “olhar”, o aguçar dos ouvidos para melhor dialogar, de preferência, com muito mais fontes do que as comumente autorizadas. Assim, os procedimentos de captação de informações deverão ser mais ambiciosos e complexos (MORIN, 2005, 2008), próximos aos científicos, evitando irmanarem-se em limitações comuns, como nas idas a campo (MEDINA, 2008). Conforme ironiza Lima, “se não é

aplicável o esquema de perguntas e respostas programadas, o repórter acaba achando que não está diante de um fato jornalístico” (1993, p. 73).

As observações podem ser intensas, demoradas, participantes. E, quanto às entrevistas, elas pressupõem um sentido específico de humanização, conforme Cremilda Medina (1995, 2003, 2014). Para ela, a palavra ideal para nomear o procedimento jornalístico não seria propriamente “entrevista”, mas ‘diálogo’, ambicionado como o mais pleno possível, fluente, paritário e aberto. Se o diálogo ocorre, não se trata mais da relação entre sujeito e objeto (ou entrevistado objetificado), mas do encontro entre sujeitos dispostos a ouvir e aprender, reciprocamente.

A narrativa oscila então entre a cena do acontecer e o mundo das ideias e dos dados objetivos mensuráveis. A razão analítica amplia o desempenho técnico impelida pela experiência sensível do contato, da ida a campo e do fato de estar afeito ao acontecer humano. A ética solidária lubrifica a técnica, que se expressa numa ação original, a da Autoria da assinatura coletiva. (MEDINA, 2010, p. 152-153).

Além das possibilidades ampliadas de temática, pauta e processos de captação de informações para o livro-reportagem, do ponto de vista textual as escolhas são autorais, desde a armação geral da narrativa, podendo, por exemplo, ser linear ou não, até a construção de narradores inusuais e escrita desviante do padrão normativo, emancipada do já caracterizado “preconceito linguístico” (BAGNO, 2007).

Com esse indicativo mínimo da maneira como subsidiamos nossa compreensão sobre o livro-reportagem, fizemos referência à primeira metade da obra de Edvaldo Pereira Lima, relativa ao processo jornalístico ampliado; a segunda parte trata das relações literárias, desdobramento que não nos interessa neste artigo.

Nosso eixo central de discussão, conforme afirmamos, são as pautas humanitárias humanizáveis via livro-reportagem. Daí ser importante situar, também, que ao mencionar, genericamente até aqui, a expressão “direitos humanos”, temos em vista, pelo menos, os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos² e o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros – o primeiro documento assegura mínima dignidade a todo humano ser, seus direitos indispensáveis como segurança, saúde, educação, trabalho, liberdade de expressão e opção ideológica. A referida Declaração não pode ser mais explícita, como no artigo 25:

² <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em 30/07/2016.

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. (ONU, 2009, p. 13).

O Código de Ética³, por sua vez, em seu artigo nono estabelece como dever do jornalista “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem.”

Longas narrativas jornalísticas em livro-reportagem corroboram com esses pressupostos teóricos e jurídicos. E um olhar, mesmo que ligeiro, sobre produções que cobrem o século passado enfocando conflitos armados evidencia a reverberação de semelhantes posições ideológicas democráticas dos autores em prol dos desfavorecidos ou desprotegidos, conforme ocorre em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

A obra ocupa lugar central no debate sendo, talvez, o primeiro livro-reportagem do mundo. Publicado em 1902, na entrada do século 20, reporta o conflito sangrento então recentemente encerrado entre sertanejos e tropas oficiais na Guerra de Canudos. Entre outros rebatimentos decisivos para o país, a guerra ajudou a consolidar a recente República. Para Cunha, a campanha “foi, na significação integral da palavra, um crime”, e o autor conclama: “denunciemo-lo” (2002, p. 09).

Seu contemporâneo, o norte-americano John Reed, escreveu outros dois livros-reportagem sobre conflitos sociais no início do século passado, primeiro no México (2010) e depois na Rússia (2011). Apesar da matança dos eventos narrados, o autor comunista declara abertamente seu apoio aos insurgentes, considerando a Revolução Russa de 1917 como uma aventura “das mais maravilhosas em que já se empenhou a humanidade, aquela que abriu às massas laboriosas o campo da história” (2011, p. 12).

Em meados do século 20 outros autores americanos continuavam reportando conflitos que interpretaram como ocorrências sintomáticas relacionadas a doenças sociais mais amplas e profundas, a exemplo do assassinato de uma família tradicional num rincão do Kansas, Estados Unidos. O livro-reportagem *A Sangue Frio*, de Truman Capote (2003) é metáfora de um país alienado, violento e reprimido. A narrativa é contem-

³ http://fenaj.web2015.uni5.net/wp-content/uploads/2014/06/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf. Acesso em 30/07/2016.

porânea ao lisérgico O Teste do Ácido do Refresco Elétrico, de Tom Wolfe (1993), claramente simpático aos personagens *hippies* estadunidenses retratados, jovens procurando transcendência pelas drogas e pelas estradas percorridas loucamente. Do ponto de vista da escrita, a narrativa promove intensos desvios em relação à formalidade textual, irregularidades escritas reverberantes de rupturas sociais e reveladoras da adesão ideológica do autor, como quando representa, celebrante, as luzes noturnas dos carros com vários sinais de dois pontos sequenciados.

Ainda no final do século passado, portanto a bem pouco tempo, o livro-reportagem continuava incorporando questões sociais decisivas em países americanos, como o narcotráfico na Colômbia. No início da década de 1990, comandados do internacionalmente famoso Pablo Escobar realizaram dez sequestros cujas vítimas foram usadas para negociar frente a pressão dos Estados Unidos pela extradição dos traficantes.

Gabriel García Márquez reconstituiu essa dezena de sequestros simultâneos “na esperança de que nunca mais este livro nos aconteça” (1996, p. 06). No Brasil, na mesma época era lançado o clássico livro-reportagem denunciador dos assassinatos cometidos pela Polícia Militar, resultado da investigação de duas décadas do repórter Caco Barcellos, autor de Rota 66.

Conforme a apresentação do livro, o autor é “um jornalista que tem lado” (2002, p. 07). De fato, não precisamos avançar muito na longa e empolgante narrativa para toparmos com suas claras intenções. No segundo capítulo sabemos da infância pobre de Barcellos, perseguido por implacável delegado na periferia de Porto Alegre, apelidado Doutor Barriga, brindado postumamente com o nome do capítulo. Após rememorar os sofridos primeiros anos de vida, o autor, então repórter, confessa sua adesão humanística: “tornei-me testemunha do sofrimento dos outros.” (p. 24).

3. Graduandos assumindo causas?

Nesta seção final apresentaremos resultados preliminares de pesquisa específica e incipiente sobre livro-reportagem desenvolvida por este autor, além de arrolarmos resultados de certames nacionais que premiam TCCs. Pretendemos sustentar a suposição

lançada anteriormente de que alunos formandos em Jornalismo e optantes pelo livro-reportagem tendem a tratar humanisticamente temas humanitários.

Do ponto de vista institucional, a referida pesquisa começa em 2015 no FIAM FAAM – Centro Universitário da capital paulista, ano em que se iniciam também as atividades do Mestrado Profissional em Jornalismo e do grupo de pesquisa Jornalismo, Mercado de Trabalho e Novas Linguagens, registrado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

A pesquisa integra as produções de livros-reportagem de graduandos realizadas durante o último ano do curso, além de textos de alunos de pós-graduação, todos autores de longas narrativas jornalísticas de fôlego. As pautas são sugeridas pelos interessados, que começam a desenvolver o projeto teórico no penúltimo semestre da graduação, realizando o livro-reportagem no último.

O tema geral acaba sendo, naturalmente e na maior parte dos casos, algumas das principais demandas sociais contemporâneas como o racismo, preconceitos com as sexualidades, problemas econômicos, educacionais, de trabalho e transporte público, entre outros, muito por conta do perfil dos alunos, diversos deles oriundos das periferias da capital paulista e cidades ao redor.

Exemplar dessa tendência temática é a primeira coletânea com textos produzidos pelos graduandos no penúltimo semestre do curso, em geral reportagens que visam habilitá-los para a redação do livro-reportagem no último semestre. Os textos da Série Prata da Casa, publicação integrante da pesquisa aqui descrita, cuja primeira edição foi lançada em agosto de 2016, tratam, entre outros temas, de crianças desaparecidas e transgêneros infantis, grávidas em situação de rua, vendedores ambulantes, agressão a mulheres, jornalismo na periferia, a vida de haitianos, libanesas e presas estrangeiras no Brasil, entre outros temas humanitários correlatos.

A propósito, antes de passarmos a resultados específicos, gostaríamos de esclarecer que estamos cientes do quanto listas, quadros numéricos, gráficos de dados, indexações e quantificações em geral podem ser reducionistas, ilusórias e manipuláveis por implícitos e explícitos interesses (THIOLLENT, 1987).

Mesmo correndo esses riscos, entre o ano de 2015 e o primeiro semestre de 2016 os graduandos do FIAM FAAM – Centro Universitário produziram 61 livros-

reportagem como TCCs na capital paulista. Eles representam 40% de todos os trabalhos realizados na instituição, 153 no total, envolvendo formatos em vídeo, rádio, impresso e plataformas eletrônicas, bem como monografias. Além deste autor, orientador da maioria dos TCCs em livro-reportagem, outros 15 docentes orientaram longas narrativas jornalísticas em livro:

1º semestre de 2015: de 26 trabalhos realizados, 7 são livros-reportagem;

2º semestre de 2015: de 91 trabalhos realizados, 42 são livros-reportagem;

1º semestre de 2016: de 36 trabalhos realizados, 12 são livros-reportagem.

Desse total, e considerando os limites deste artigo, vela destacar pelo menos uma obra por conta da característica humanística e da repercussão obtida em premiação relevante. Trata-se do livro-reportagem de Jennifer Vargas Rodrigues (2015), que reportou a sangrenta história das mais de 500 mortes ocorridas em São Paulo após os ataques de 2006 do PCC. Escrito quase uma década depois, em 2015, quando pouquíssimo se havia avançado na resolução do caso, o livro-reportagem foi premiado em 2016 e apresentado, junto a mais três trabalhos da mesma natureza jornalística, no 11º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).⁴

O livro-reportagem reconstitui os “crimes de maio”, em referência ao mês em que centenas de inocentes morreram em chacinas pelas mãos de suspeitos encapuzados, além de atualizar a pauta narrando a batalha dos parentes por justiça e entrevistando, especialmente, mulheres organizadas em grupos de mães, esposas, parentes e amigos próximos aos vitimados. No mesmo certame, as outras obras selecionadas trataram de crianças abrigadas pelo Estado (SOUZA, 2015) e da cracolândia em Belo Horizonte (FERREIRA, 2015).

Considerando a premiação da Abraji do ano anterior ao Congresso referido acima, as indicações corroboram novamente com a hipótese deste artigo, pois os três livros-reportagem entre os quatro TCCs selecionados abordam, conforme segue, violência policial, questões indígenas e a vida de presidiários:

- 13 de Julho – Histórias de uma Noite de Guerra em São Paulo (FERREIRA, IORY, LIBÓRIO, 2014). Narra a repressão da Polícia Militar paulista ao protesto contra

⁴ http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=3433. Acesso em 30/07/2016.

o aumento de passagens de ônibus em 13 de junho de 2013, que terminou com centenas de feridos e gerou uma onda de manifestações em todo o país;

- *Mulheres da Encantada* (ROCHA, 2014). Conta histórias de índios da aldeia Jenipapo-Kanindé, a poucos quilômetros de Fortaleza. A narrativa foca as mulheres da etnia, incluindo a primeira esposa de cacique do Brasil, além das tradições e lutas da cultura indígena;

- *O Grito das Prisões: Vigiado Hoje, Punido para Sempre* (FERREIRA, 2015). O autor entrevistou, no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia, apenados por crimes como homicídio, latrocínio e estupro, coletando suas histórias e o cotidiano prisional. Ex-presos também são sujeitos do livro-reportagem, que retrata a dificuldade de ressocialização após o cumprimento das penas;

Os autores dessas três obras foram formados em cursos públicos e particulares em, respectivamente, em São Paulo, Ceará e Goiás. Além da Abraji, os resultados de outro concurso relevante de caráter nacional, o Expocom, vão na mesma linha, premiando livros-reportagem com temas humanitários e tratamento humanístico.

A Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação, Expocom⁵, realiza a seleção de melhores TCCs da área desde 2012, em diversas categorias. Em relação àquela que nos interessa, o livro-reportagem, as obras premiadas passaram da cobertura cultural (se bem que reportando artistas populares, negros e de origem humilde), para a temática dos conflitos sociais; contudo, com somente quatro premiações realizadas, ainda não podemos, sequer, indicar tendências em direção ao pressuposto do livro-reportagem humanizado:

2012: *Quelé: a Voz da Cor - Obra e Legado de Clementina de Jesus* (ABICAIR, CASTRO, COSTA, KOBAYASHI, MUNHOZ, 2011). A narrativa pontua a trajetória incomum da empregada doméstica que foi descoberta com mais de 60 anos de idade e virou referência da Música Popular Brasileira. Mulher negra, pobre e neta de escravos, Clementina de Jesus lançou onze discos;

2013: *Lento caminhar - Histórias e Canções de Edésio Santos* (FREITAS, SANTOS, SILVA, 2012). A obra biografava o artista negro de origem humilde que viveu em Juazeiro. Edésio Santos, nascido em 1931, tocou com estrelas do rádio da época, inovou

⁵ http://www.portalintercom.org.br/premios_new/expocom/apresentacao11. Acesso em 30/07/2016.

com o primeiro trio elétrico no seu município, foi classificado em festivais de música, mas faleceu sem realizar o sonho de gravar um disco;

2014: Auri, a Anfitriã: Memórias do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa (DIAS, FERNANDES, MOURA, PEREIRA, 2013). A narrativa nasce do relato das mulheres detidas no único presídio feminino do Ceará, localizado em Itatinga, Região Metropolitana de Fortaleza, com mais de 500 presas, acima da capacidade de lotação;⁶

2015: Estamos Aqui - Histórias das Vítimas de Conflito no leste africano (PAULA, SÁ, 2014). O livro-reportagem resulta de viagem de dois meses dos autores ouvindo relatos de envolvidos em conflitos na Etiópia, Sudão, Sudão do Sul e Uganda. Fotografias compõem a narrativa de viagem.

Nesse contexto de produções acadêmicas e premiações promovedoras do livro-reportagem pautado por temas humanitários, não podemos ir muito longe, por enquanto, e generalizar. Muitas perguntas ainda precisam ser respondidas.

A questão principal é se a tendência aqui exposta pode ser confirmada, e como, considerando que, no avolumar da pesquisa, novos procedimentos metodológicos deverão ser adotados, como passarmos a alimentar plataforma eletrônica virtual com informações sobre TCCs para cruzamento de dados.

Entre as principais perguntas, a preferência dos graduandos pelo livro-reportagem tem alguma correlação com o tipo de instituição de ensino superior, pública ou privada? E com o perfil socioeconômico dos alunos? E com a região onde está localizado o curso? Como é a distribuição dessas produções pelo menos em São Paulo e Região Metropolitana, que concentra a maioria das graduações em Jornalismo do país? Qual o percentual de longas narrativas jornalísticas em livro em relação aos outros tipos de TCCs? Os formandos levam as mesmas demandas para a vida profissional? É possível e necessário subdividir pautas humanitárias abordadas nos livros-reportagem em

⁶ A obra conquistou cinco prêmios em 2014: melhor Livro-reportagem e melhor edição no Expocom Nordeste e no encontro Nacional, além de melhor do ano na Intercom. Ainda foi primeira colocada como Trabalho de Conclusão de Curso no prêmio de Gandhi de Comunicação.

categorias específicas como violência, imigração, preconceito? E quanto aos tipos de livro-reportagem, qual o ganho teórico em categorizar as produções?

A propósito dessa última pergunta quanto as tipologias possíveis, respostas poderão subsidiar a rediscussão das categorizações de Lima (1993, p. 44-50), autor que indica 13 tipos de livro-reportagem, mas desenvolve pouco ou nada a conceituação dos mesmos – perguntamos, por exemplo, se a tendência ao “livro-reportagem-depoimento” (p. 45) revela a relativa facilidade em colher e publicar entrevistas, sendo menos produto do esforço de aprofundamento e consciência da pluralização de vozes, como parece, e se a tendência a temas contemporâneos pode redimensionar o “livro-reportagem-instantâneo” (p. 47).

Concluindo, gostaríamos também de, tanto quanto possível, termos contribuído neste artigo para debate outro que não aquele sobre os possíveis diálogos entre jornalismo e literatura no livro-reportagem, pois acreditamos que neste tipo de longa narrativa, sendo o trabalho jornalístico bem realizado, o bordado artístico pode até soar excessivo.

Referências

ABICAIR, Janaina Marquesini Borges, CASTRO, Felipe, COSTA, Luana, KOBAYASHI, Marina, MUNHOZ, Raquel. **Quelé: a voz da cor, obra e legado de Clementina de Jesus**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

ANTONIO, João. **Abraçado ao meu rancor**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.

BONIN, Adriana Jiani. “Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto”. In: **Metodologias de pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 21-39.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio – relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. **Além do Jornalismo**. Leituras do Jornalismo. V. 2, n. 2. São Paulo: FIAM-FAAM Centro Universitário, 2015.

DIAS, Ed Ney Borges, FERNANDES, Kamila Bossato, MOURA, Aline de Souza, PEREIRA, Bárbara Almeida. **“Auri, a anfitriã: Memórias do Instituto Penal Feminino Desembargado-**

ra **Auri Moura Costa**”. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará (UFC), 2013.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Editora da Ulbra/AGE, 1999.

FERREIRA, Fernanda, IORY, Nicolas, LIBÓRIO, Bárbara. **13 de Julho – Histórias de uma Noite de Guerra em São Paulo**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

FERREIRA, Vinycius. **O grito das prisões: vigiado hoje, punido para sempre**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Goiânia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), 2015.

FERREIRA, Luiz Guilherme de Almeida. **...que acenda a primeira pedra. Ecos da Cracolândia de Belo Horizonte**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2015.

FREITAS, Renata Cristina de Sá Barreto, SANTOS, Edésio César Vieira, SILVA, Edilane Ferreira da. **Lento caminhar – histórias e canções de Edésio Santos**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Juazeiro, Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. O criador da assinatura coletiva. In: **Liberdade de expressão, direito à informação nas sociedades latino-americanas**. Série Novo Pacto da Ciência 11. Organização Cremilda Medina. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010, p. 145-155.

_____. **Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social**. Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 2, n. 4, p. 8-22, dez. 2014.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Instituto Piaget, 2008.

PAULA, Jéssia, SÁ, Sérgio. **Estamos aqui: histórias das vítimas de conflito no lesta africano**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Brasília, Universidade de Brasília (UNB), 2014.

REED, John. **México insurgente**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Dez dias que abalaram o mundo**. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2010.

ROCHA, Bárbara. **Mulheres da Encantada**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2014.

SOUZA, Isadora Paula Stentzler. **Filho do Estado**. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. São Paulo, Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), 2015.

THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1987.

WOLF, Tom. **O teste do ácido do refresco elétrico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.